

# O Estranho

## CAPITULO I

Nove de agosto de 1983

O Jovem Cristobal Bernardo terminara a graduação em jornalismo. A formatura tinha sido supimpa. Como orador tivera a oportunidade de desabafar, dizendo tudo o que tinha trancado na goela, pôr longos anos de universidade. Mas tudo isso passara. Hoje ele era um jornalista que trabalhava como caixa de um banco, tinha dúvidas, se deviam abandonar tudo e dedicar-me tão só e exclusivamente ao jornalismo. Mas como free-lance, não obtinha nem o suficiente para a sua manutenção.

- Finalmente, tivera a oportunidade de dedicar-se exclusivamente ao jornalismo. Fora convidado a ser o editor de um livro, isto é, transformar uma História contada pôr quem a viveu, em um livro, com todas as características técnicas necessárias à sua edição.

Embora tivesse sido selecionado e contratado para o trabalho ainda não conhecia o narrador, apenas foi-lhe dito seu nome, Cizilião Cristóvão da Rocha.

Hoje iria encontrá-lo na praia do Cassino, onde ele morava. Naquele horário costumava a contemplar o mar e expor-se a infundáveis devaneios.

Aos seus 90 anos, preso a uma cadeira de rodas, ele contemplava o oceano Atlântico na longa praia do Cassino. Quando Cristobal Bernardo chegou, ele estava com sua cadeira de rodas estacionada no asfalto da Avenida Atlântico. Local onde passava horas do dia, contemplando o fluxo e refluxo das ondas.

- Naquele dia, excepcionalmente, o vento bramia, gélido e incomodo, movimentando a areais de um lado para outro. A grande estátua de lemanjá, soberba e bela, parecia não se importar com o frio vento que a açoitava. O homem parecia, a exemplo da estátua, não se importar com os açoites do vento bravo. A maresia gélida não o incomodava.

- Bom dia Srs. Cizilião. – Disse Cristobal sorrindo. – Sou Bernardo, Cristobal Bernardo, tenho muito prazer em conhecê-lo.

- Já fui informado de sua vinda, como esta meu rapaz?

- Disse velho senhor.
- Cristobal, olhou para o alquebrado homem, sua fisionomia era serena, sua vista parecia, após fitá-lo, se perder no horizonte longínquo.
- Vejo que já estive em minha casa, a primeira vista me parece muito jovem, mas eu, pôr incrível que lhe pareça, também já fui jovem. Mas isso já faz parte do seu trabalho. Esteja em minha casa a manhã a partir das 9 horas, começaremos o trabalho para o qual foi contratado.

## - O ENCONTRO

No dia seguinte Cristobal, quinze minutos antes dos horário pré estabelecido, já se encontrava na sala de estar a espera do narrador. Pontualmente as 9:00, ele adentra na sala conduzindo a sua cadeira de rodas.

- Bom dia Sr. Bernardo, vamos ao trabalho. - Disse o narrador.
  - Assim ele começou sua narrativa:
  - Meu caro repórter, nossa história começa no dia 01 de fevereiro de 2004. – Com tal disparate, Cristobal argüiu:
  - Mas senhor! Apenas para que eu entenda, chamo-lhe a atenção para o fato de estarmos em 1983.
  - Ao qual respondeu:
  - Sim meu caro Bernardo, registre este fato, ele o será plenamente compreendido antes que o nosso livro chegue ao fim.
- Como já lhe disse, nossa historia começa no dia 01 de fevereiro do ano de 2004, Eu estava nesta mesma praia. E, eram 23 horas aproximadamente, a Avenida Atlântico estava tomada de gente em ambos os lados e no canteiro central, onde há um passeio. Gente que ia e gente que vinha. Foi calculado que naquela hora havia mais 100.000 pessoas na avenida. Começamos a caminhar rumo à estátua de Iemanjá. No lado direito e a frente do grande obelisco onde se encontrava a imagem, havia um coreto, no qual as emissoras de radio transmitiam o evento. A brigada militar, a cavalo, permanecia sobre as dunas, que circundavam o local. Na parte posterior do obelisco, ou altar de Iemanjá, imensos postes com luzes, distanciados uns dos outros em aproximadamente 30 metros, formavam uma pista que chegava ate as ondas do oceano. Visto isso, retornamos, pois o alto falante anunciava a saída do cortejo a partir do Hotel Atlântico.
- O povo se aglomerava lotando ambas as laterais da avenida. As viaturas, da brigada militar, abriam o caminho para a passagem dos umbandistas em procissão. Ouve-se a batucada ao longe, onde estava o curso dos centros de umbandas, gentes de todas as classes sociais, com vestidos brancos que alcançavam o chão, todos de pés descalços, exibiam adornos como colares e fitas.
- As vestes e a caracterização eram comum a ambos os sexos. Entoavam hinos à santa, gentes conduzindo enfermos e aleijados.

Pais e mães com seus filhos nos braços. Um dos centros de umbanda trazia a sua frente uma esbelta mulher trajada como a santa, com um vestido branco, manto azul claro com estrelas brancas. Na cabeça, sobre longos cabelos negros, uma coroa de rainha. Nas laterais da avenida, comerciantes de churrasquinho, vendedores de flores e barcos de brinquedo. Outros vendiam bebidas, velas e adereços da fé. No oceano, pessoas entravam na água para depositar suas oferendas à rainha da fé. Ao longo da maior praia em extensão do mundo, as luzes dos carros que circulavam, representavam ser uma dança de imensos vaga-lumes. A meia noite começou o estourar de fogos de artifícios, que entrou madrugada adentro.

- No dia seguinte às 10 horas, vou caminhar na praia, no caminho de ida passo pelo obelisco onde se encontra a estatua de Iemanjá. Uma murada de pedras, na altura de 50 centímetros, com mais ou menos 15 por 15m, tendo ao centro um pedestal de concreto de 3 metros de comprimento por 2 metros de largura e 3 metros de altura. Em cima do pedestal uma grande estatua de inigualável beleza. A imagem de Iemanjá. No interior do murado, grande quantidade de velas acesas, garrafas de bebidas vazias, pois seu conteúdo fora derramado no solo. Gente acendendo dúzias de velas. Na frente da imagem, um aglomerado de gente rezava, estando uns ajoelhados e outros de pé com as mãos postas. No local o cheiro de velas queimando, misturado com o cheiro de bebidas, chegava a causar enjôo. Lá pelas 11 horas chego à praia, aproximando-me da beira da maré onde as ondas faziam o fluxo e refluxo, ouço o batuque dos tambores, olho a minha direita e vejo uma aglomeração de pessoas, aproximo-me e vejo três rapazes, afro-descendentes, tocando os tambores. Diversas mulheres, com seus vestidos longos e brancos, dançando em giros e se movimentavam em círculos. Dentro do oceano, com água abaixo da cintura vejo um homem com uma capa vermelha, muito enfeitada tendo na cabeça uma espécie de elmo cobreado. Um outro homem forte e baixo, com uma espécie de vestido branco que roçava na areia da praia de tão comprido, se aproximava dos espectadores, os quais lhe oferecião uma criança, que levava para o homem da capa vermelha, que a tomava nos braços e lavava a sua cabeça na água do oceano.
- Logo após o ritual, entregava a criança ao homem que a tinha levado, que a pegava e, de costas para a praia e de frente para o

oceano, voltava a passos lentos e fazendo reverência, assim as pessoas eram levadas para aquela espécie de ritual umbandistas. Em um certo momento, o condutor de pessoas, pega um senhor de meia idade, também afro-descendentes e o leva ao homem que estava na arrebentação das ondas. O homem foi conduzido pela mão. E, lá chegando, submeteu-se ao ritual das água. O condutor o trás para a praia em passos lentos, à medida que avançavam. O conduzido ficava cada vez mais curvado, o braço esquerdo dobrado nas costas e, o direito, arqueado na frente fazia um movimento de pêndulo, o condutor segurava-o pelo braço que estava às costas com a mão direita tendo a esquerda apoiada em seu ombro direito. Notei que aquele homem, não era um comum, quando chegara perto da multidão, lhe foi oferecido uma espécie de bengala feita de pau roliço descascado, o pedaço de pau, não tinha mais de 80 centímetros. Foi-lhe arrumado um banquinho e ao chegar foi sentado. A mão direita tremula segurava a bengala que balançava impulsionada pela mão oscilante.

- O condutor passou a levar as pessoas para perto do homem da bengala, as pessoas se aproximavam, ele com a mão esquerda apoiada na nuca da pessoa aproximava-a, de forma que o ouvido da pessoa ficasse perto de sua boca e falava baixinho, que ninguém, com o barulho dos tambores conseguiam ouvir. Uma mulher ajoelhou-se a sua frente e começaram a cochichar. Uma mulher que estava ao meu lado perguntou a outra, se ela queria consultar com o preto velho, referindo-se ao homem da bengala. Para tentar ouvir o que o preto velho dizia, afastei-me do batuque, colocando-me na diagonal onde estava o homem falando com a mulher, mas nada consegui ouvir. O preto velho, de quando em vez, me olhava de soslaio. Ao meu lado uma mulher chamara o condutor, dizendo - Eu quero consultar com o preto velho.
- O homem fez um sinal com a mão para que ela esperasse. O Preto Velho me olhou mais uma vez, desta feita não de soslaio e sim de frente. Meu caro rapaz! Embora sendo eu ateu, confesso que fiquei todo arrepiado. Ele fixou o olhar em mim. E, eu me senti naquele momento como um garoto na sala de aula quando o professor o olha com censura no olhar. Apontou-me com a mão tremula estendida. O seu auxiliar que tudo via, olhou-me e aproximou-se e, com a mão estendida disse: - Pode me

- acompanhar. – Vacilei pôr alguns instantes, fiquei arrepiado e um calafrio me correu pela espinha, mas meus instintos mais primitivos me impeliram a ir. Não resisti e aquiesci ao convite e deixei-me levar. Aproximei-me do Preto Velho. E, quando eu estava a sua frente, fez um sinal para que eu me abaixasse. Inclinei-me o máximo que pude tentando colocar minha cabeça a altura da dele. Ele com a mão esquerda colocada na minha nuca forçou-me para que nossas cabeças ficassem no mesmo plano, o que fez com que eu tivesse que ficar ajoelhado a sua frente.
- Quando minha orelha estava à altura de sua boca ele disse: - Zi fio é descrente, ate no pai nosso não acredita. Ta com a vida enredada, tem muita confusão, ta tudo distorcido, o antes vem depois, o depois vem antes, o passado se confunde com o presente, muito sofrimento e dor, ódio e vingança. “Zi fio é muito complicado ate pro Preto Veio, vai e que lemanjá te proteja.”
  - Sai dali estranhamente pensativo, porém nada havia entendido, sobre o que falara o tal de preto velho. No dia seguinte retornei a Porto Alegre, onde iria encontrar com Alquimiades de Almeida.

## CAPITULO II A REUNIÃO

Alquimiades de Almeida:

- Dias depois na reunião almoço da Ass. Industrial e Comercial do Rio Grande do Sul.

Cizilião foi apresentado como palestrante. Naquela oportunidade o presidente da casa, ao apresentá-lo assim se referiu:

- Hoje teremos a satisfação de ter como convidado e palestrante o Professor Cizilião Cristóvão da Rocha. Que obteve o título de professor, na universidade de Harvard a qual pertence. Os seu conhecimento científico é em pesquisa de casos estranhos. Tendo, no entanto omitido o conteúdo de sua palestra. Apenas reportando-se que seria uma revelação surpreendente e que ao final nos proporia uma parceria com a possibilidade de grandes lucros para todos.

- O salão se encontrava repleto, as mesas para quatro lugares, onde estavam expostos pratos para a entrada, talheres pequenos para serem utilizados no “anti-prato”, e talheres grande para serem utilizados no prato principal. Tudo dentro da fines característica do lugar. Quase que na unanimidade, os comensais, comentavam sobre o assunto da pauta. Indagações diversas sobre o estranho apresentador. Alusões ora otimista, ora pessimista, era o que se ouvia nos grupos que circundavam as mesas. Faz-se ouvir uma pequena batida do microfone, o mestre de cerimônias, da às boas vindas aos habitues da casa e logo passa a palavra ao conferencista do dia.

- Srs. membros da Ass. Industrial e Comercial do Rio Grande do Sul. Permitam que me apresente, chamo-me Cizilião Cristóvão da Rocha. Sou digno desse nome. Tenho 62 anos, embora não pareça ter trinta, sequer. Um sorriso fugas alargara sua boca sem que os dentes chegassem a aparecer. - (posuo constituição de rocha, saúde a toda prova, grande força muscular, excelente estômago e um coração de ferro). Isso quanto ao físico. Quanto à cultura sou graduado em engenharia mecânica com ênfase a engenharia quântica. Em cibernética, defendi tese em Oxford sobre nanotecnologia. Quanto as crenças, declaro-me ateu pôr convicção.
- Nesse momento Bernardo interrompe o narrador e pergunta.

- Mas Senhor Desculpe a interrupção, mas e que não estou entendendo, o Senhor Em 2004 tinha 62 anos. Ao final, esta, e uma história inventada, ou e uma historia real?

- Meu caro Jovem, não seja tão impetuoso, isso será plenamente explicado no decorrer da narrativa. Continuemos.

- A platéia ouvia com máxima atenção, aquele homem resoluto e destemido, que ele era. Alguns rumores, que logo cessavam, e ele continuou:

- Durante o almoço, exporei aos senhores os objetivos de minha palestra e ao final, lhes proporei negócios. Está ao meu lado o meu assistente, Professo Alquimiades de Almeida, proeminente geólogo e ufólogo.

- Todos os comensais ouviam atentos. Os alvoroçados sentiam-se desde logo desapontados, pêlos autos elogios do seu discurso, tão pessoal. E, pensavam: Seria tal personagem louco ou mistificador? Fosse o que fosse ele se impunha. De repente, os rumores cessaram. Não se ouvia nem um sopro em meio à assembléia, a qual parecia haver sido sacudida a pouco pôr um cismo. Ele permaneceu parado e em silêncio, para aguçar a curiosidade dos ouvintes.

- Apesar de tudo, Cizilião da Rocha parecia ser mesmo o homem que dizia ser. De estatura regular, ombros largos e geométricos, sustentada pôr um pescoço alongado, destacava-se a cabeça de pequena dimensão e de forma esférica. Seus olhos que, a menor contrariedade, devia incandescer, brilhavam. Grossas sobrancelhas faziam com que os olhos parecessem profundos, quase ocultos pêlos óculos de uso permanente. Seus cabelos, curtos, com reflexos metálicos, apenas existiam no entorno do calvo topo da cabeça. Usava bigode e barba bem aparados, composto de fios mais escuros do que brancos. O que lhe dava uma forma austera e inflexível. Sua voz grave e ligeiramente rouca chegava aos ouvidos como uma melodia que dava prazer em ouvir. Seus gestos eram cautelosos, não havia falta nem excesso. Falava olhando para todas as pessoas da platéia, girando o tronco e a cabeça com calma, ora para a esquerda, ora para a direita, valorizando e prestigiando a presença dos ouvintes, sabia como se comportar diante da exposição e dava maleabilidade ao corpo, proporcionando, assim, uma postura natural. E, ele continuou:

- Srs. Estou de veras convencido, de que há comprovação suficiente para crer que ainda existam terras desconhecidas no nosso planeta, cujas riquezas são incalculáveis. Como alicerce de minhas

convicções tenho as seguintes pesquisas e estudos pôr mim efetuados.

“Início de 1970, a Administração do Serviço de Ciência e Meio Ambiente (ESSA), que pertence ao Departamento de Comércio dos Estados Unidos, divulgou para a imprensa fotografias do Pólo Norte tiradas pelo satélite ESSA-7 em 23 de novembro de 1968”. Uma das fotografias mostrava o Pólo Norte coberto pela conhecida camada de nuvens; a outra que mostrava a mesma zona sem nuvens, revelava um imenso buraco, onde deveria estar o Pólo.

A ESSA estava longe de suspeitar que suas fotos rotineiras de reconhecimento atmosférico fosse contribuir e despertar uma das controvérsias mais sensacionais e célebres da história dos Óvnis. No número de junho de 1970 da revista *Flying Saucers*, o editor e ufólogo Ray Palmer reproduziu as fotos do satélite ESSA-7 junto com um artigo em que ele manifestava que o buraco da foto era real. Durante muito tempo, Ray Palmer e outros ufólogos acreditavam que a Terra fosse oca, e que os Óvnis seriam uma civilização de seres superiores que está escondida em seu interior inexplorado.

- Em 1970, graças ao apoio de uma fotografia em que aparecia o enorme buraco do Pólo Norte, Palmer pôde assegurar que há uma super-raça subterrânea e, provavelmente poderia chegar até ela através dos buracos dos pólos Norte e Sul. Os números seguintes de *Flying Saucers* apoiaram sua teoria ressuscitando outra antiga controvérsia sobre o buraco nos pólos: invocando as famosas expedições do vice-almirante Richard E. Byrd aos pólos Norte e Sul. Em nove de maio de 1926. O vice-almirante Richard E. Byrd da US NAVY que foi um destemido aviador, pioneiro e explorador polar, que sobrevoou o Pólo Norte, e dirigiu numerosas expedições à Antártida, incluindo um vôo sobre o Pólo Sul em 29 de novembro de 1929. Entre 1946 e 1947, levou adiante a operação em grande escala chamada High Jump (Pulo Alto), durante a qual descobriu e cartografou 1.390.000 km<sup>2</sup> de território antártico. As famosas expedições de Byrd entraram pela primeira vez na controvérsia dos buracos nos pólos, quando vários artigos e livros, especialmente *Worlds Beyond The Poles* (Mundos Além dos Pólos), de Amadeo Giannini, afirmavam que Byrd, na realidade, não voou pôr cima do pólo, mas sim dentro dos grandes buracos que levam ao interior da Terra.

Ray Palmer, baseando-se principalmente no livro de Giannini, introduziu esta teoria no número de dezembro de 1959 da sua revista e, pôr causa disso, manteve uma volumosa correspondência a respeito. Segundo Giannini e Palmer, o vice-almirante Byrd anunciou em fevereiro de 1947, após uma suposta viagem de 2.750 km através do Pólo Norte: "Gostaria de ver a Terra além dos pólos". Essa área além dos Pólos é o centro do grande enigma. Giannini e Palmer diziam também que, durante seu suposto vôo sobre o Pólo Norte em 1947, o vice-almirante Byrd comunicou pôr rádio que via abaixo dele, não neve, e sim áreas de terra com montanhas, bosques, vegetação, lagos e rios, e um estranho animal que parecia um mamute.

Em janeiro de 1956, após dirigir outra expedição à Antártida, o vice-almirante Byrd manifestou que sua expedição havia explorado 3700 km além do Pólo Sul e, além disso, justo antes de sua morte, Byrd disse que a Terra além do Pólo era um continente encantado no céu, terra de mistério permanente. Essa terra, segundo outras teorias, era a legendária Cidade do arco-íris, berço de uma fabulosa civilização perdida.

Para Giannini e Palmer, os comentários atribuídos ao vice-almirante Byrd confirmaria o que eles sempre suspeitaram: que a Terra tem uma forma estranha nos Pólos, algo parecido a um "donut", com uma depressão que forma um buraco gigante que passa através do eixo da Terra, de um pólo a outro. Dado que, pôr razões geográficas, é impossível voar 2750 km além do Pólo Norte e 3700 km além do Pólo Sul sem ver água. Parece lógico pensar que o vice-almirante Byrd deve ter voado dentro de enormes cavidades convexas dos pólos, dentro do Grande Enigma do interior da Terra e que, se tivesse seguido adiante, teria chegado à base secreta dos Óvnis que pertencem à super-raça oculta, quem sabe a lendária Cidade do arco-íris que Byrd teria visto refletida no céu.

A possibilidade de que a Terra seja oca, que possa entrar nela através dos Pólos Norte e Sul, e de que civilizações secretas floresçam em seu interior tem aguçado a imaginação desde tempos atrás. Assim, o herói babilônio Gilgamesh visitou seu antepassado Utnapishtim nas entranhas da Terra; na mitologia grega, Orfeu tratou de resgatar Eurídice do inferno subterrâneo; dizia-se que os faraós do Egito comunicavam-se com o mundo inferior, onde desciam através de túneis secretos ocultos nas pirâmides; e os budistas acreditavam (e acreditam todavia) que milhões de pessoas vivem em Agharta, um paraíso subterrâneo governado pelo rei do mundo.

Desde então, o mundo científico não ficou imune desta teoria: Leonard Euler, um gênio matemático do século 18 deduziu que a Terra era oca, que continha um sol central e que estava habitada; e o doutor Edmund Halley, descobridor do cometa Halley e astrônomo real da Inglaterra no século 18, também acreditavam que a Terra era oca e guardava em seu interior três pisos. Nenhuma destas teorias estava sustentada cientificamente, porém coincidiam com várias obras de ficção sobre o mesmo tema, onde dentre as mais importantes eram *As Aventuras de Arthur Gordon Pym*, de Edgar Allan Poe (1833), onde o herói e seu companheiro têm um terrível encontro com os seres do interior da Terra. E na *Viagem ao Centro da Terra*, de Julio Verne (1864), onde um professor aventureiro, seu sobrinho e um guia penetram no interior da Terra através de um vulcão extinto na Islândia, e encontram novos céus, mares e répteis gigantescos e pré-históricos que povoavam os bosques.

A crença de uma Terra Oca estava tão difundida que inclusive Edgar Rice Burroughs, o célebre autor de Tarzan, sentiu-se obrigado a escrever Tarzan nas *Entradas da Terra* (1929), um mundo que se encontra na superfície interior da Terra e que está iluminado pôr um sol central. *A Sombra Além do Tempo* (1936) de H.P. Lovecraft transportou o tema para a época atual, descrevendo uma raça antiga e subterrânea que dominou a Terra há 150 milhões de anos e que, desde então, refugiaram-se no interior da Terra, e inventaram aviões e veículos atômicos, e dominavam a viagem no tempo e a percepção extra-sensorial. Estas e outras obras de ficção mantiveram vivo o interesse pela possibilidade da Terra ser oca e que esconde outras civilizações.

Assim, quando foram vistos os primeiros Óvnis nos Estados Unidos em 1947 e a ufomania assolou o país primeiro e o mundo depois, surgiram duas teorias para explicá-los. Os Óvnis deviam ser naves extraterrestres de alguma galáxia próxima, ou pertenciam a seres avançadíssimos que habitavam o interior da Terra. Estas teorias levaram a recuperar as lendas das civilizações perdidas da Atlântica e de Thule, e a crença que esta última encontrava-se no Ártico.

Acreditava-se também que outra possível fonte de procedência dos Óvnis encontrava-se na Antártida. Esta teoria surgiu no convincente livro de John G. Fuller, *A Viagem Interrompida* (1966), onde o autor relata a história de Betty e Barney Hill, um casal americano que, durante um tratamento psiquiátrico devido a um inexplicável período de amnésia, recordaram através de hipnose que haviam sido

raptados pôr extraterrestres, examinados no interior de um disco voador e informados que os extraterrestres tinham bases em toda a Terra, algumas no fundo do mar e pelo menos uma na Antártida.

Deste modo, quando Ray Palmer publicou sua controversa teoria em 1970, os ufólogos e crentes na Terra oca ficaram com a expectativa: Não se tratava de provas conclusivas. Porém os argumentos que Palmer defendia revelaram-se extremamente suspeitos. Todas as investigações feitas desde então não confirmaram nenhuma das afirmações atribuídas pôr Giannini e Palmer ao vice-almirante Byrd; nem sequer confirmou-se seu vôo sobre o Pólo Norte em fevereiro de 1947 (o certo é que Byrd sobrevoou o pólo Sul nesta data, no transcurso da operação High Jump), inclusive supondo que Byrd teria feito tais comentários, o mais lógico é acreditar que a terra além dos pólos e o Grande Enigma são formas de falar das regiões então inexploradas a continentes escondidos no interior da Terra, e que o continente encantado no céu era unicamente uma descrição de um fenômeno que acontece nas latitudes antárticas, uma espécie de reflexo que trás o reflexo de terras distantes.

Apesar da inexatidão da pretensa viagem de Byrd ao Pólo Norte, existem algumas pessoas que afirmam ter visto em um noticiário sobre a dita expedição ao Pólo Norte, onde se viam montanhas, árvores, rios e um grande animal identificado como um mamute. Uma mulher escreveu para Ray Palmer sobre esta notícia, assegurando que havia visto em White Plains, New York, em 1929. Entretanto, este documentário não está registrado em nenhum arquivo. Será que se trata de uma artimanha do Governo dos Estados Unidos? Ou será que esse documentário nunca existiu? Durante o ano de 1980 ocorreu um boato que um satélite espião militar norte-americano tirou várias fotografias sobre o pólo norte no exato momento em que se abriu um buraco no pólo para dar passagem a uma nave desconhecida. Seguramente a terra não é oca, mas abaixo de nossos pés podem existir civilizações inteiras.

- Senhor A nossa presença neste momento junto aos Srs. É como foi anunciado a proposição de uma parceria que certamente resultará em grandes lucros para todos.

A nossa idéia inicial, foi a de propor aos governos que se interessassem de constituírem um consorcio para a exploração dos pólos, porem a idéia foi logo abortada, dado as dificuldades

encontradas para expo-las aos governos desses países. Logo a seguir foi levantada a hipótese da formação de uma empresa, com a única finalidade de explorar os pólos Norte e Sul. Esta empresa seria formada pôr um pool de empresas diversas que tivessem interesse em aplicar em outras sociedades. A empresa que foi formada é uma multe nacional que tem como escopo a exploração de ambos os pólos da terra. Seu contrato social, que se acha registrado nos mais importantes países do nosso planeta, se encontra a disposição dos Srs. interessados junto aos nossos corretores, que permanecerão à disposição dos Srs. após o refaz.

- Todas as referências que fiz, durante a minha apresentação, podem ser encontradas na rede internacional de computadores, sobre os mais diversos títulos, queiram comprovar a origem de nossa pesquisa. Um bom almoço a todos.

- Eu que ate então, ouvia e tomava nota, não resisti, e perguntei. Senhor O que é a rede mundial de computadores?

- É coisa do futuro, meu caro Bernardo. No final do século XX, o mundo todo estava conectado pôr uma imensa rede de computadores, chamada de Internet. De sua casa, você era capaz de ligar-se com todo o mundo, fazer pesquisas avançadas, ler o noticiário de todo o mundo e muitas coisas mais. Tenha paciência, você é novo chegara lá. Com certeza.

- De volta ao quarto de Hotel, Ele, abre a mala, pega os velhos envelopes pardos, ambos hermeticamente fechados, nos endereçamentos, pela milésima vez meus olhos fitam aquela data 10 de agosto de 2004, finalmente será amanhã.

Na manhã seguinte, antes do desjejum, lia os jornais como de costume.

Os principais jornais da região levavam as seguinte notícia.

“A expedição do Explorador Professor Cizilião Cristóvão da Rocha e do geólogo e ufólogo Professo Alquimiades de Almeida, da empresa multe nacional Exploradora dos Pólos, será a primeira expedição a alcançar o Pólo Sul geográfico, com fins comerciais. A missão científica exploratória sairá no dia 28 de novembro, às 20h, rumo ao Pólo Sul geográfico, a missão levará cerca de 20 dias e percorrerá mais de 1.200 quilômetros de gelo, a uma temperatura média de 26 graus negativos. A equipe permanecerá no Pólo Sul pôr tempo indeterminado. Retornando ao litoral, após haver cumprido todas as etapas pré definidas pelo conselho administrativo da organização. Os

cientistas recolherão material em perfurações, fazendo levantamento geofísico da região....”

- Após o jejum, com a mesma calma e tranquilidade com que guardara aquele envelope nos últimos 50 anos, sem tomar conhecimento do seu conteúdo, calmamente ele foi aberto. Em seu interior havia uma mensagem que dizia:

“Não esqueça de levar material cirúrgico, anestésicos injetáveis e uma pequena serra manual, muitos analgésicos e antiinflamatórios, tenha-os sempre juntos a você, nunca os abandone em momento algum”.

Apenas isso, 50 anos guardado, justo agora que vamos empreender uma importante expedição. Certamente que atenderei plenamente esta sugestão, pensou Cizi. Além da mensagem havia um outro envelope ainda teria de ser guardado pôr mais de um ano, a data em seu endereçamento 31 de março de 2006.

### CAÍTULO III

#### REMINISCENCIAS:

Ano de 1952. Dia 25 de maio. Extremo sul do Brasil. Cidade portuário do Rio Grande, Na Rua Buarque de Macedo, se encontra a escola particular Liceu Salesiano Leão XIII. A escola ocupa uma quadra quadrada, o prédio de dois andares, circunda uma praça de esportes, onde há um campo de futebol, uma cancha de basquete e outras espécies de modalidade de esportes. No lado da Buarque de Macedo, na esquina da esquerda, estando o observador, do outro lado da rua a contemplá-la, encontramos a igreja Nossa Senhora Auxiliadora, no lado direito encontramos o teatro que também é cinema. As salas de aula estão localizadas no lado direito e parte do lado posterior, em ambos os pisos, no lado esquerdo, fundos da igreja, estão instalados o refeitório e a oficina de marcenaria, no lado posterior a indústria de tipografia. Na sala de aula do quarto ano primário. O clérigo Monsueter é surpreendido pelo Diretor, quando segurava um menino pelo topete, tentado mantê-lo longe, enquanto este lhe tentava soquear o estômago. O diretor para a turma do primeiro ano colegial, adentrando na sala diz: “Me me moço” ( O diretor era de origem alemã, queria dizer como é moço), que é isto?

- O menino chorando e com extremo nervosismo, parou de soquear o aspirante a padre. E, soluçando tentava explicar o ocorrido. A turma foi dispensada, pois já era findo o período da manhã. E, naquele dia não haveria aula no período da tarde. O menino sai espavorido e muito preocupado, as lágrimas deslizam pela face, a secreção nasal corre e ele passa a manga da túnica, que constitui o uniforme, alcinhado pelos alunos mais velhos de “burro encilhado”, dado aos cintos e tiras diagonais que iam do ombro a cintura, confeccionadas em sola com largura de cerca de cinco centímetros. Já no lado de fora da escola, um homem aparentando ter mais de 60 anos, aborda o menino, e diz.

- Não se preocupe pelo que aconteceu, o Monsueter não poderia tê-lo impedido de pegar o ônibus, afinal, você lhe disse que teria de sair no horário, para apanhar o ônibus, que sai da rodoviária as 12h00min, só que no momento a turma estava agitada e o clérigo perdeu o controle. E, para impedi-lo de sair antes dos demais, o apanhou pelo topete.

- Ambos rumaram para a parada do ônibus, enquanto conversavam o estranho, colocando a mão no ombro do garoto, que ainda chorava muito, disse:

Fique calmo, não precisa contar nada em casa, na segunda feira, você será lavado ao gabinete do diretor, estará lá o clérigo. O diretor lhe proporá que façam as pazes e esqueçam o ocorrido, desde que você prometa não agredir mais os professores. – Entre soluços, o garoto apenas balançava a cabeça em sinal de confirmação de entendimento. – O ônibus que ia para o cassino, parou e o garoto adentrou, ainda chorava, o estranho acenou para ele, quando já se encontrava no interior do ônibus, sentado em um banco do lado da janela. O menino, em todo o percurso, tinha os pensamentos emaranhados, Como teia de aranha, tudo acontecera tão depressa, aquele homem, que bem poderia ser seu avo, lhe causara uma impressão imensamente positiva, dando-lhe alento e segurança. Chegara à chácara onde residiam seus pais, que ficava a meio caminho entre a cidade de Rio Grande e o balneário do cassino, num lugarejo denominado de Senandes. O final de semana fora um período angustiante, para o menino, porém tinha em sua mente o que lhe dissera o estranho, tudo dará certo, não necessita contar nada em casa. Pôr incrível que parecesse o menino confiava plenamente no dito pelo estranho, a final, dado ao estado emocional que se encontrava no momento do encontro, não tinha observado praticamente nada no estranho, tentava se lembrar de como ele era e nada, porém tinha absoluta certeza do que ele tinha dito. O que lhe tranqüilizava e enchia de coragem.

A segunda feira chegara, o menino, cedo da manhã pegara o ônibus que o levaria a escola. As 07h30min horas da manhã, todas as classes se reúnem no imenso pátio, em fila indiana. O padre conselheiro conduzia as orações que duravam cerca de 20 minutos, após as quais os alunos em fila se dirigiam para as salas de aula. Ao finalizar as orações o padre conselheiro, lê um aviso - O aluno Cizilião da quarta série deve se dirigir ao gabinete do diretor.

O menino começa a tremer e as lágrimas começam a brotar de seus olhos. Enquanto se dirigia a sala do diretor, pensava no que lhe dissera o estranho, ergue a cabeça, passou a manga da túnica do uniforme nos olhos, segue confiante. Lá chegando à porta lhe esperava o diretor e o clérigo. O diretor o convidou a entrar, dirigiu-se à escrivaninha, de pé de frente para os dois, disse: Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo. Os convidados disseram: - para sempre

seja louvado. Convidou a ambos a sentarem, acomodou a cadeira e sentou-se.

- Meu jovem aluno! Estamos em uma escola católica, aqui seguimos os ensinamentos de nosso senhor Jesus Cristo. O incidente ocorrido na sexta passada, não mais será tolerado, embora o jovem aluno tivesse que sair no horário certo do término da aula, para pegar o ônibus e estando a turma de castigo, pôr mais meia hora, não poderia ter abandonado a classe sem a autorização do professor, muito menos agredi-lo aos socos, como fez. No entanto, considerando tratar-se de um aluno exemplar, sendo essa a primeira ocorrência de indisciplina, nós, propomos que, o ocorrido seja esquecido e que o aluno e o professor façam as pazes. No entanto, o jovem aluno deve prometer que nunca mais fará tal façanha. - O clérigo que se encontrava de braços cruzados, tomando nova postura estendeu a mão ao jovem, que a apertou. O diretor, pôr sua vez, colocou ambas as mãos segurando as duas mãos apertadas, e disse: - Que essa paz seja duradoura e que Deus os proteja, para todo o sempre, amem.

- Tudo saíra como o estranho havia previsto gostaria de falar com o estranho outra vez. (pensa o garoto).

As 17h30min horas, os alunos do externato voltavam para a casa, se mi internato e os internos se dirigiam a salas de estudos. O menino Cizilião, saíra da escola e se dirigia para a parada onde iria esperar o ônibus, que passava na Rua Buarque de Macedo, para tanto teria de contornar o prédio da escola, pois a saída ficava na rua paralela. Caminhava tranqüilo quando houve uma voz que lhe diz: - Jovem Cizilião deu tudo certo? - Ho! É o senhor? Como sabe o meu nome, se eu não o disse? Como sabia o que iria acontecer?

- Sou apenas um amigo, como sei o seu nome, ouvi um colega seu chamá-lo, como sabia o que iria acontecer, foi apenas dedução, pois o professor jamais poderia tê-lo segurado pelo topete. Poderia até deslocar seu couro cabeludo. O diretor sabia disso, dessa forma, teria de abafar o caso.

Ambos continuam caminhando e conversando, param ao chegar à parada de ônibus, momento em que o menino, pode olhar atentamente para o estranho.

Ele era calvo, usava um bigode bem baixo, utilizava óculos, como nunca tinha visto antes. A mão direita sempre segurava o coto no antebraço esquerdo, o estranho não tinha a mão esquerda e parte do antebraço. O ônibus chegara, o menino embarca, enquanto, o estranho parado o olhava e acenava.

Na sexta feira seguinte, às 12 horas o menino Cizilião, deixa a escola e ruma como de costume para a parada de ônibus. Na parada encontra com o estranho, que o cumprimenta com um aperto de mãos, e lhe diz:

- Hoje também vou pegar o ônibus, vou ao balneário do cassino, podemos conversar durante a viagem.
  - O menino assentiu com um aceno de cabeça. O ônibus para e ambos adentram pela porta traseira e sentam em lugares localizados no centro do veículo de transporte. O estranho, após acomodar-se no assento, pergunta:
    - Você conhece os moles? – O menino lhe diz apenas que já ouviu falar.
    - Os moles são formados pôr pedras de grande porte, pesando mais de uma tonelada cada uma, não sei ao certo, mas a zorra entra mais ou menos 4.000 metros mar adentro sobre os moles.
- O menino ouvia atentamente, tudo o que o estranho dissera porem, em seus olhos havia uma pergunta que queria fazer, porém não sabia como e se deveria fazer. Cria coragem e diz:
- Quem é o Senhor? Conhecemos-nos há poucos dias e parece que sempre nos conhecemos.
  - Sou apenas um estranho a impressão de conhecer-me há muito tempo, embora tenhamos nos encontrado apenas há alguns dias atrás, e comum em certos casos. A propósito como vai o cão, como é mesmo o nome dele?
    - Dante, responde o garoto.
    - Você desliza na grama seca utilizando os tamancos como esqui, puxado pelo Dante?
    - O menino fica perplexo, e responde:
      - Sim! Como você sabe disto?
      - Pura dedução, um menino da sua idade sempre tem um cão, como no verão a grama fica seca e os tamancos ficam lisos. Nada mais natural que os utilize como esqui puxado pelo cão.
- Cizilião o que você acha de me convidar para fazer uma visita na casa de seus pais?
- O que direi aos meus pais sobre você? Se mal nos conhecemos, nem o seu nome eu sei?
  - Diga-lhes apenas que sou um professor, que você convidou para visitar o sitio.
  - Sim farei isso e verei o que eles acham.
  - Fica combinado para a próxima sexta feira o O.k.?

- Tudo certo, se tiver coragem! Pensou o garoto.
  - Diga-me Cizilião, você e seus irmão tem pescado muitos jundiás? E o camarão deu bem este ano na lagoa?
  - Como sabe que pescamos jundiás e camarões? Você é adivinho?
  - Não, não, apenas conheço o sitio e sei que na lagoa se pesca camarões e no arroio jundiás. Daí é fácil deduzir que você seus irmãos devem pescar.
  - E, como sabe que tenho irmãos?
  - Simples dedução, as famílias quase sempre são numerosas, daí deduzi que você tinha irmãos.
    - A semana passava, o garoto Cizilião, em momento algum parava de pensar no estranho professor, que lhe parecia um ser maravilhoso, nunca ninguém o tinha olhado daquela forma, sentia grande ternura em seu olhar, quando o fitava bem dentro do olho.
- Na quinta feira à noite, o garoto criara coragem e resolvera falar a seu pai sobre o estranho professor.
- O Sr. Rocha homem simples, mal sabia escrever o seu nome, aos seus 51 anos, chefiava a família com austeridade e rigidez, se não for redundante? Seus inúmeros filhos, na maioria já não estavam mais sob seu julgo, dos 13, (sendo 11 do primeiro matrimônio e dois do segundo, pois viudara e casara novamente), Cizilião era o mais novo do segundo casamento. Estavam em casa apenas duas moças e três filhos menores. O Sr. Rocha, homem alto com cerca de 1,90 metros, cabelos lisos escuros, sobancelhas cerradas e olhos azuis, no lado esquerdo da frente, era visível um grande sinal em relevo. Bigode, com fios cerrados e de altura reduzida de forma trapezoidal.
- A severidade do Sr. Rocha, muito comum naqueles tempos, deixava o pequeno Cizilião apreensivo e inseguro. De repente toma coragem e fala:
- Papai! Posso trazer um professo aqui em casa na sexta feira a tarde? – O pai entendendo que se tratava de um dos professores da escola, aquiesceu dizendo:
    - Sim, só que não pode ser de cerimônia, tudo aqui em casa é simples e eu sou quase analfabeto, mal sei escrever o meu nome, não sei como vou conversar com ele? – O pequeno procurou trocar o assunto para não dar tempo ao pai de lhe fazer qualquer pergunta, sobre o convidado, pois certamente não saberia responder.

## CAPITULO IV - A EXPEDIÇÃO

28 de novembro de 2004

No dia seguinte, às 9 horas.

A expedição partiu de Ushuaia, Terra do Fogo, Argentina, a cidade localizada no mais extremo sul do planeta. A viagem foi a bordo do navio oceanográfico Atlantis de bandeira brasileira.

A expedição era composta de poucas pessoas:

Cizi e o seu assistente Professor Alquimiades de Almeida, contavam com o auxílio de três carregadores, um observador a mando dos acionistas, investidores e patrocinadores, que casualmente, era uma mulher de 45 anos. Professora catedrática de cartografia e geologia avançada. Os participantes apenas se conheceram no dia do embarque, a observadora se apresentou com uma carta de apresentação enviada pelos investidores. Dois experientes guias completavam o grupo.

A bordo do Navio quebra gelo Atlantis, fizeram a primeira reunião de trabalho. Cizi sentado à cabeceira da grande mesa, onde a tripulação fazia as refeições, a sua direita, seu fiel escudeiro Prof. Alquimiades, homem de poucas palavras, mas grande sabedoria. Com seu porte atlético, de baixa estatura, tórax reforçado, uma grande cabeça alojada diretamente entre os ombros, parecendo não ter pescoço. Sua fisionomia sempre serena, barba crescida, entre a qual se destacava feições fortes.

A esquerda de Cizi a observadora, mulher bela aos seus 45 anos, cabelos longos e negros, lábios grossos, dentes alvos e de uma simetria inigualável, olhos verdes escuros e seios abundantes, uma figura de mulher para causar inveja a Vera Fischer.

Ao lado do professor Alquimiades, os dois guias de origem esquimó. E, ao lado da observadora os três esquimós carregadores.

Cizi abriu a reunião, dando as boas vindas aos expedicionários, fez um breve relato da sua pessoa e expôs os objetivos de jornada. Após solicitou que cada um se apresentasse aos demais, dando seu nome, seu grau de comprometimento com a expedição e um breve relato de seus conhecimentos pregresso e experiências anteriores.

O Professo Alquimiades disse:

- Me chamam de Alquimiades de Almeida, sou Geólogo e Ufólogo, nunca estive antes no pólo Sul. Estou disponível para qualquer atividade, inclusive para transporte de cargas se for necessário.